

EFEITOS CONTRADITÓRIOS DA TECNOLOGIA AVANÇADA: APONTAMENTOS SOBRE A OBJETIVIDADE TECNOLÓGICA ACELERADA

[CONTRADICTIONARY EFFECTS OF ADVANCED TECHNOLOGY: NOTES ON ACCELERATED TECHNOLOGICAL OBJECTIVITY]

*Marcelo Gonçalves Rodrigues **

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Educacional de Penápolis (SP), Brasil

RESUMO: O artigo visa destacar considerações acerca do caráter representativo das novas tecnologias digitais e de seus efeitos contraditórios acelerados à sociedade e as suas relações constitutivas. Para tanto, reflete ponderações concernentes ao estado de coisas particulares e reais com as quais as novas tecnologias lidam. Além disso, busca realçar a proximidade deste avanço do conhecimento com os mitos esclarecidos. Por fim, sinaliza a atualidade da crítica ao inconformismo e resistência às regressões modernas, pois a possível fusão do biológico com o digital incide em mais controle sendo o sofisma da libertação da natureza no escravismo irracional da razão tecnocientífica.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias digitais; inteligência artificial; teoria crítica; capitalismo.

ABSTRACT: This article aims to highlight about representative character of new digital technologies and from their contradictory accelerated effects to society and their constitutive relationships. To this end, reflects concerning state considerations of private and real things in which new technologies deal. Moreover, search highlight the proximity of this advance in knowledge with to the enlightened myths. Finally, signals the actuality of critical to nonconformity and resistance to modern regressions, because the possible fusion of biological and digital results in more control being the sophistry of nature's liberation in slavery irrational of technoscientific reason.

KEYWORDS: Digital technologies; artificial intelligence; critical theory; capitalism.

1 TECNOLOGIA PARA REFORMA RADICAL DO SUJEITO?

Não surpreende que a propagação das tecnologias digitais das sociedades hodiernas ao aspirar ratificar uma indistinção entre as subestruturas tecnológicas, estruturas cibernéticas e sujeitos, desembrolha os grandes efeitos contraditórios às subjetividades. As tecnologias de exclusão e controle, frutos das ações políticas para monitoramento populacional, são campos de experimentações que remontam a um período subsequente à Segunda Grande Guerra Mundial, em 1956. Foi nesse ano, de acordo com Kumar e Choudhury (2022), que o nome inteligência artificial

* *Psicanalista. Docente e supervisor clínico no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Educacional de Penápolis (SP) FAFIPE/FUNEPE. E-mail: marcelo_gonc@yahoo.com.br*

foi inaugurado pelo matemático americano James McCarthy, e alguns anos depois, entre 1959 e 1960, tendo a formalização interacional mais completa com o *Teste de Turing*, pelo seu criador, o cientista britânico, Alan Turing. Esse íterim instituiu não somente a construção de máquinas cognitivas capazes de calcular, resolver e aplicar, prever e manipular o mundo material formal, mas, acima de tudo, corroborou com o mote do cálculo neurótico de dominação da natureza. Este tema, próprio à *Dialética do Esclarecimento* e profundamente enredado nas explicações filosóficas sobre a origem da civilização, certifica que a sedimentação de tais ocorrências históricas e contraditórias da civilização industrial amplia a atualidade de alguns eminentes pensadores do século XX. É aqui que Adorno e Horkheimer (1985) no esclarecimento dos mitos da razão fornecem a chave de interpretação dos mecanismos pelos quais se observa que quanto maior é o avanço das revoluções tecnológicas, maior será o senhorio da reprodução das opressões materiais obediente à natureza metodológica dos procedimentos tecnocientíficos.

A reflexão pontuada pelos frankfurtianos chama a atenção à extensa contrarrevolução social na qual a sociedade está inserida e anuncia que a crise do capital condiciona a evocação máxima da crise da razão e da experiência. Na modernidade, uma poderosa indústria, a cultural, seria, então, a esfera pela qual se apresenta o comprovante de óbito da racionalidade consciente e experienciada. O traço dessa morte é representado na forma de empregar as pessoas corporativamente como unidades de força de trabalho abstrata conforme debatem Theodor W. Adorno e Max Horkheimer no itinerário de suas análises. Para dizer mais enfaticamente, Marcuse (1999a) propicia uma interpretação que faz uma dialógica próxima a esse respeito, para ele, o contexto social moderno de um mundo fortalecido como produtivista e calcado no princípio do desempenho, que é a realidade específica mediada entre a civilização e o capitalismo, irá cancelar que as necessidades só podem ser satisfeitas com mais contenção, mais trabalho e renúncia. Com boa parte dos indivíduos apertados para dentro de um sistema alienante, a confusão é geral, e o excedente de repressão configura a ligação entre ambição e conquista, fragilidade e pobreza.

Com mais escassez como resultado imediato da organização peculiar da política neoliberal e na junta do empuxo desse fluxo das novas tecnologias digitais como a atual face da temporalidade administrada, a humanidade estetiza sua identidade, valores, cultura, corpo social e história num amontoado de cacos online em uma sistemática apologia ao hedonismo. É nesse ritmo itinerante e alucinante nos usos de *gadgets* modernos que se têm as ordens simbólicas da indústria cultural com as imagens de seus produtos fictícios, estereis e semiformativos, intensificadores de características fragmentadas, com fórmulas prontas para consumo rápido de uma identidade automática, remendada e arremedada. A capacidade psíquica e de produção social ficam distorcidas pelos processos orgânicos de gerir essa reprodução ideológica da técnica. Não poderíamos deixar de insistir o que para Adorno e Horkheimer (1985) seria o substancial que colocaria o indivíduo concreto contra as demandas de coletivos hipostasiados na experiência de identidade pelo consumo alicerçado no gozo declarado a maquinários: o princípio da não-identidade seria uma outra forma de pensamento e consciência para a resistência. Seria o estímulo fundamental para mitigar os fantasmas que permeiam as relações interpessoais com danos como apatia e o medo político em graus variados de reificação; e vital para inibir a abundância de personalidades fascistas, já que a paixão por máquinas é a fruição da organização pulsional de sujeitos autoritários.

Diante do aludido, pode-se frisar que a subjetivação depende dos laços de

socialização notadamente mediada por cliques e views. Redes de integrações sempre repressivas, justamente na soma dessa discussão, Marcuse (1999a) mostrará que o controle da indústria cultural para explorar e regular a energia libidinal desenvolverá o recalque cujo sintoma será a dessublimação, pois o capital programará aos indivíduos falsas experiências a partir da disponibilização de desejos instantâneos forjados pela indústria cultural, adulterados pelas imagéticas audiovisuais. Não por menos, Marcuse parte da regência de Freud (1930/2010), para validar que criação e significado, sublimação e fantasia são operações da imaginação radical, ou seja, transformar o objeto de luta em sua instituição social para novas significações materiais como forma de superar a racionalização da repressão de uma organização econômica dominante. Já Foucault (1978-79/2008) fará o diagnóstico das tecnologias como o refinamento de fontes de poder público agindo no mais íntimo do individual. A caracterização foucaultiana se concentra no biopoder político a partir do qual os corpos e as representações coletivas de massas são entregues ao domínio estratégico das tecnologias de controle como política de Estado para fins médicos, de segurança e de ordem institucional.

Desse modo, o filósofo francês ilumina que a tecnologia é a arma de disciplinamento individual para formação de sujeitos biopolíticos cujas vidas serão potencialmente controladas por meio dessas aparelhagens de cunho militar. Compreendemos que tais colocações estão no campo da tecnociência em que as tecnologias avançadas convergentes como a bionanotecnologia, computação neuromórfica e inteligência artificial são financiadas para o aprimoramento humano tanto no núcleo psicológico quanto físico. A fusão desses sistemas bem como sua materialização inclina a todos a tratarem a tecnologia como Deuses protéticos, sobretudo, na ilusão para nos bem servir. Paul Virilio, em sua obra *Velocidade e Política*, reforça os ordenamentos da crítica a esses objetos do capital científico [...] “a história progride na velocidade do sistema de armamentos” (1977/1996, p. 74), mais ainda, nos diz o autor em sua tese que, os ritmos biológicos são compelidos a se compatibilizar cada vez mais com os ritmos tecnológicos. Não somos nós que estamos acelerados, é a tecnologia que se acelera através de nós ocupando espaços e deslocando nossa percepção a um vazio sufocante. Ciência e tecnologia se utilizam de nossos corpos em uma simbiose para produzirem mais velocidade. No livro *Alienação e Aceleração*, o pensador Hartmut Rosa conclui que existe uma aceleração tecnológica de aceleração dos ritmos da vida que culmina numa contração e compressão do estado presente. É no centro veloz desse espetáculo multicolorido e sinestésico, em especial, com a aproximação afetiva e integrativa entre corpo e novas tecnologias, que o capital promove a sedução e extrai o seu valor econômico e financeiro de exploração para mais controle de corpos e espaços.

Diante dessas explicações inaugurais, nosso propósito neste artigo, dado os limites, é o de realizar apontamentos e considerações singelas acerca dos efeitos ambíguos da digitalização acelerada à sociedade, à economia e ao corpo. Refletir sobre o estado de coisas particulares e reais com as quais as novas tecnologias lidam. Realçar a proximidade deste avanço do conhecimento com os mitos esclarecidos. Considerar que a união entre humano e tecnologia é a contradição objetiva real entre sujeito e sociedade. Afinal, produção de novos corpos, novos sentidos de identidade e a fusão do biológico com o digital são tanto a libertação da natureza quanto o escravismo ao irracionalismo da razão tecnocientífica redimensionada e reconstruída como factíveis mitos punitivos de um novo inferno.

2 TECNOLOGIAS SERIAM OS MITOS PUNITIVOS DE UM NOVO INFERNO?

Aproveite o futuro somente após a instalação. Aplique e seja feliz. Mude para o novo e delete sua liberdade em nome de maior proteção, segurança e saúde. Copie e cole em sua mão e testa o selo da falsa disponibilidade de tempo, dinheiro e paz. Conecte-se para escolhas impostas, clique para viciar e repetir celeremente sem a elaboração da experiência vivida. Apague seu passado, edite sua memória, jogue na lixeira sua tela de descanso. Caia e enrosque-se nas redes sociais. Dê um *enter* e transfira sua história e consciência para as nuvens, exponha-se o máximo possível, formate seu direito de ir e vir e seja um cidadão huxleyano do *detestável* mundo novo. Etapa seguinte: recalculando a rota de seu fim. De fato, podemos afirmar que essa construção metafórica em tom de comando ou na voz de um liderança robótica global, explicita algumas divisas de fronteiras: heteronomia diante de governanças regulatórias; questões éticas e ameaças disruptivas da tecnologia. Quer dizer, numa direção, direitos máximos a uma estrutura de poder para controlar corpos, vidas e subjetividades; noutra, indivíduos que se inclinam por uma entrega à vontade de autoridades experimentando ações de dominação sobre si. Como dito, não é um sadomasoquismo, é a submissão humana ao poder de uma autoridade robótica, uma heteronomia na melhor versão do *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*, de Étienne de La Boétie. Mais do que isso, mostra que uma das marcas excêntricas e também mais comuns que a tecnociência e o progresso fundamentaram no interior da vivência civilizatória é a tentativa ou finalidade última de superar o desafio dilacerado de mal-estar tal qual é teorizado por Freud (1930/2010). Do ponto de vista psicanalítico, esse sentimento de desamparo generalizado é também o expoente rito de defesa, a qual se constitui subjetivamente à atividade individual para desenvolver uma objetividade socialmente válida.

Isso significa pontuarmos que a constelação de nosso inconsciente como os afetos, os desejos e as repressões é a forma de participação social encontrada, de acordo com Safatle (2019), para o funcionamento dos sujeitos nas redes de linguagem, significação e representação coletiva. Formas de pertencimento, inclusive, nas esferas do capital e da regulação da dinâmica econômica, estetizadas e afirmadas na autorização destrutiva baseada na urgência de liberação pulsional, ao mesmo tempo, pulsão reprimida e redirecionada pela e para a necessidade de adequação às determinações da vida social. Agora, do ponto de vista filosófico dialético, Adorno (2015) apresenta uma constatação para essa armação dúbia, no caso ele complementa com suas redarguições que, é preciso compreender o inconsciente para encontrar respostas sobre os mecanismos sociais produtores da individualidade e das condições subjetivas da irracionalidade objetiva. Importante realçar que essa concepção tratada por Adorno é de que da totalidade social não se deriva o psiquismo recoberto por suas hiências pulsionais, o todo além de transcender o psíquico, faz a mediação de sua organização, não sendo possível resolver problemas sociais unicamente por meio de um tratamento clínico individual.

Há sentido íntegro nessa pontuação adorniana, isso são as inscrições que selam a existência, e desembrulham que as dimensões da vida material são as expressões da individualidade, e os reflexos diretos do estado de coisas do campo político, social, e econômico. Impossível apartar tais constituições particulares do psiquismo das cenas e processos da reprodução material. As antinomias do geral não descendem do particular, muito mais o seu contrário é verdadeiro, e tais direções de caminhos ambivalentes e emergentes servem para pensar a imagem civilizatória da história documentada e

confeccionada nos golpes de barbárie. Todo esse arcabouço de dureza contribui para o diagnóstico de que o inconsciente é político, e o sofrimento e a subjetividade são traduções das formas sociais de dominação histórica. Por tudo isso, em concordância com Benjamin (2013), o todo geral e histórico se associa às unidades subjacentes articuladas às condições do presente, que como uma imagem dialética paralisada gira ao passado e ecoa no futuro a fatalidade desastrosa de sua glória material na arte de sobreviver em meio às rupturas sociais proporcionadas pela reprodutibilidade do tecnicismo.

Aqui cabe recuperarmos a maldição anunciada por Adorno e Horkheimer (1985), o progresso irrefreável é a irrefreável regressão, é o descontentamento encantado com a tecnologia e a ciência como um processo de base absolutamente ambíguo dentro de seu paroxismo, por isso, imerso em contradições e contraproduções em intenso movimento. A indústria cultural não só administra a libido, faz também uma vigorosa mistura volátil de ódio e desejo, esperança e pessimismo catastrófico. Logo, o controle da motriz das pulsões por meio dos artefatos culturais e civilizatórios, reprime o sexual e oferece em uma dialética social o escape na portaria que Freud (1908/2015) declara como moral sexual cultural, resultando em um nervosismo sexual moderno. A saída de emergência contemporânea ocorre pelas mídias digitais através de um deslocamento imoral e sádico tanto na esfera de uso pessoal via manifestação direta de regressão ética quanto na administração pública de destruição dos direitos.

Tais modos de utilização das novas tecnologias testemunham a vida íntima como ensaios compartilhados coletivamente com dispersão, isolamentos e crimes de ódio, legislações e limitação da autonomia. A dupla face da tecnociência avançada é a de que ela poderia ser eficaz em mitigar o desamparo, ressignificar a camada de infelicidade e insatisfação. Seu imperativo categórico deveria ser o de eliminar desigualdades, promover desejos, suprimir com restrições sociais e materializar as utopias. Consequentemente abrir à humanidade a forma de realização criativa, o direito à preguiça como clama Lafargue (1999), e o verdadeiro descanso remunerado para transformar a existência em algo mais contemplativo e menos opressivo. Ao fracassar propositadamente nesses quesitos, sua localidade no esclarecimento é endossada em riscos e ameaças, controle e vigilância, alienação e exploração, inovações onerosas, desempregos e exclusões. São simultaneamente novas e velhas à medida que é um contínuo das evoluções tecnológicas anteriores e, principalmente, das involuções socioeconômicas deliberadas para o caos.

Impreterivelmente com Marcuse (1999a), encontramos alguns apontamentos do campo subjetivo a respeito dessas condições concretas expostas. Em primeiro, a dessublimação repressiva em que a consciência é tecnicizada, regredida, e instrumentalmente manipulada como uma regra matemática; dessensibilização que subtrai os encontros do corpo com as zonas erógenas de desenvolvimento e empobrece o amor e o erotismo de suas instanciacões. Em segundo, a duração do sujeito do inconsciente reprimido e circunscrito para o fortalecimento das representações das ideologias burguesas. Em terceiro, a afirmação massiva de que o projeto do esclarecimento é também uma instanciacão perversa e potencialmente interminável com efeitos críticos e traumáticos às organizações psíquicas e aos exercícios políticos. Em quarto, progresso intensificado está ligado à falta de liberdade intensificada, tal qual a falência da imaginação criativa que seria uma saída de liberdade em um mundo de não liberdade. Em suma, a instrumentalização das coisas não é força libertadora, é instrumentalização do indivíduo pelo indivíduo em um arremedo da contradição da

contradição. Não à toa os sintomas são velhos, plastificados e renovados pela Indústria Cultural em repetição seriada de inovação. A compulsão de mercado dessa racionalidade atinge diretamente as maneiras sociais de estetizar a falsa experiência e apoiar ainda mais “a forma tecnologicamente avançada da velha luta concorrencial capitalista, que traz consigo todas as suas hipotecas por resolver, como sua coerção de expansão, suas relações de exploração e exclusão, que tão somente redefine, e cujo saldo apenas posterga”. (TÜRCKE, 2010, p.78)

Vejamus que o preço do avanço desvela a dívida que se embute na sociedade e nos usos de seus recursos no indivíduo com grosso impacto em seu funcionamento psíquico. Essa forma tecnológica acelerada, referenciada por Türcke (2010), manifesta-se nas equivalências não idênticas dos modos tecnicistas, e seus caracteres sintomáticos desfilam numa espécie de tecnofobia em que as energias de medo e desejo são tensões ambivalentes de mesmo significado. A tributação desse fenômeno é notável no discurso de nostalgia de um tempo pré-tecnologia, na ânsia geral por menos técnica e mais natureza, porém, com todo o conforto tecnológico para não precisar sujar o corpo e as mãos nela, e como descentra Lacan (1959-60/2008), no desejo de retorno a um ponto perdido da ancestralidade. O revés dessa decomposição é a fúria instrumental dirigida à desumanização mediante a valoração dos objetos do capital, cada vez mais, humanizados com a natureza se reafirmando em um apocalipse maquinico. Não serve, mas domina. Não logra utopia, e sim distopia. Não liberta, aprisiona a consciência. Menos tempo e mais riqueza alienada. Mais pobreza e sofrimento, medo e desamparo. Ao contrário de ser um niilismo digital, mais prudente destacar que é a exposição de uma realidade sem as melhores promessas da tecnologia conforme a guisa analítica da primeira geração frankfurtiana: a liberdade da razão, emancipação e autonomia; a liberdade de poder sofrer com tempo de constituição da narrativa.

O estatuto desses cortes e fissuras se interliga ao juízo processual da tecnologia contemporânea nomeada de inteligência artificial (IA), na qual um dos interesses da produção de seus autômatos está na tarefa de normatizar os laços sociais, emocionais e libidinais na regência dos ímpetus de mercado. Esse princípio construtivo da IA não é um axioma, todavia, valida as novas tecnologias como disruptivas por expedirem em seus usos a imposição de regulação potencial às liberdades individuais, que recairia em uma engrenagem de poder com uma função específica: a de acelerar a vigilância por intermédio de uma lei moral universal decretada por uma emulação cognitiva. Esse mimetismo robótico pode significar uma ameaça à estrutura democrática pela influência, interferência e persuasão no comportamento coletivo. Mesmo que não exista uma definição única à inteligência artificial, ela abrange aspectos múltiplos em sua operação. Uma das proposições caracterizadoras da IA seria a de aperfeiçoar habilidades via sintetizador de voz, reconhecimento de linguagem e facial, análises de dados e aprendizados de máquina até a possibilidade de uma consciência artificial.

Nas argumentações de Green (2018), a inteligência artificial é uma programação sequencial de pensamento codificado que resulta em uma projeção de identificação do raciocínio humano por meio de uma matemática de interpretação de dados complexos que intenta descrever com precisão como as massas se comportam. Significa também um pretenso meio de modelar futuras máquinas inteligentes que possam gerar novas fontes de conhecimento e modificações das escalas de atividades históricas. Em um futuro progressivamente plugado às tecnologias da Quarta Revolução Industrial, a fusão entre as tecnologias digitais, a vida biológica e os componentes orgânicos, seja a especificidade mais valiosa e radical da integração entre natureza e tecnologia avançada

que, por sua vez, delimitaria o papel da IA na atualidade de acordo com Schwab (2016).

Tal função da IA não é impraticável, pois a tecnologia é história e futuro, e já alterou a forma da realidade concreta e suas condições funcionais com dominação social abstrata e formas subjetivas de dominação social objetiva. Ela transformou significativamente o mundo externo dando disposição ideológica para controlá-lo via rigor da ciência. A técnica é a substância onipotente para enfrentamento de vulnerabilidades e um grande abrigo contra o real ameaçador. Agora, o avanço parece se direcionar à inovação biológica: reestruturar, mudar, alterar e criar organismos. Apesar do inédito salto tecnológico dos últimos 100 anos, o corpo não acompanhou esse poderio tecnoprogressista, é ainda muito fragilizado e presa fácil de microorganismos invisíveis. Ora, a morte é a grande adversária da tecnociência, embora seja psicanaliticamente a pulsão primordial com endereço à existência. O pensamento mítico das novas tecnologias é o de modificar os seres humanos, seus corpos, mentes e comportamentos por meio da incorporação da bionanotecnologia estabelecendo um reino biodigital com infundáveis governanças algorítmicas e robóticas categorizando os destinos de um novo mundo. Esse palco de reimaginação do social e da contemporaneidade é um objetivismo ilusório da racionalidade mítica limitada aos problemas da própria razão, o que na expressão de Adorno (2010) é a relação de tensão entre a não-identidade da própria coisa passando a identidade da própria coisa a ser contrária as suas identificações.

3 DESRAZÃO, MÁGICA CIENTÍFICA E PRÓTESES DOS DESEJOS

O que enfatizamos por enquanto é o paradoxo entre as descobertas tecnocientíficas, suas opressões e a melhoria das situações de vida humana. As contradições, medos e críticas tomam respeitável espaço que delimitam a Inteligência Artificial como uma máquina antropomórfica do mal. Muito das visões atuais são distópicas por evidenciar problemas éticos, sentimentos e dúvidas. Justamente, nesse propósito, mito, técnica e ciência não somente fundamentam a reunião de contrariedades como resgatam tramas hibridizadas oportunas às discussões, como: as searas kantianas dos juízos estéticos, da clivagem dos polos subjetivos de vontade, autonomia e desejo; das formulações psicanalíticas dos referenciais fantasísticos de falta, repressão e recalque; e do materialismo dialético marxista com as irredutibilidades das formas do existente via reprodução material para exploração e submissão.

Em qualquer desses extratos filosóficos haverá a tese da coalizão entre os processos de aprimoramento técnico e o aumento dos problemas. As ambivalências entre derrotismo e euforia, tragédia e nascimento são dilemas próprios entre a humanidade e suas descobertas. Construções e desilusões que se arrastam desde os antigos gregos das esperanças aristotélicas de mais máquinas para menos escravidão, quimera que não anulou o sofrimento. Como leitura de prova, resgatemos alguns simbolismos entre o aprimoramento da técnica, reconfiguração dos sentidos e da punição de corpos: é vasto o estofado da literatura fictícia a respeito do melhoramento, conserto e evolução da vida, por exemplo, na Grécia antiga, *Daedalus* foi o rei da mitologia do vento, construtor e engenheiro de humanos artificiais, criador dos robôs humanoides, de asas mecânicas, era o responsável em fornecer voos mais altos à humanidade com a sustentação da sua aerodinâmica. Nas escrituras bíblicas, por sua vez, a morte nasce como condenação a partir da apropriação do conhecimento do bem e do mal, ou seja, olhos *com-ciência*

trouxe a consciência do fim, e a angústia de jamais estancar a passagem do tempo.

Nesse passo, temos a autoflagelação de algumas criaturas míticas como Tântalo, Sísifo e Danaides, condenadas ao castigo no malogro da compulsão à repetição eterna, condensadas num ritual neurótico sadomasoquista cujo sintoma destina a um débito não pagável e inegociável. Repetir os mesmos erros que se tornam agravados e expansíveis a cada reprise, Adorno e Horkheimer (1985) recuperam as relações de culpa e sanções aplicadas a essas entidades quando as esclarecem no trajeto da jurisdição da lei e da pena, e dos resíduos do sofrimento psicológico ante tal fruição obsessiva que veicula um considerável problema entre o desejo e a lei, a duração da dúvida e a criação de imagens fantasmáticas que antecipam a si e ao próprio futuro: a dívida impossível de ser paga é por meio de mecanismos de denegação, deformação da realidade e ações autopunitivas.

Literatura, mitologia, ficções e modos de subjetivação relembram que inovações criativas e produções materiais pleiteiam legislações punitivas, esse é o preço do controle da natureza para o ajuste pulsional e operacional do progresso. Além disso, os mitos, como centram Adorno e Horkheimer (1985), concluem a fundação do projeto histórico que permite capturar, dissecar e calcular as demonstrações da natureza para dela extrair a chance de sobrevivência em meio ao pavor pronunciado no interior e exterior do fenômeno. O esclarecimento é simultaneamente a soltura e prisão que produz o avanço do pensamento na liberdade e o aprisionamento no domínio da razão. Uma dupla controversa que liberta da natureza onipotente para escravizar na forma objetificada da natureza objetivada até os marcos de uma irracionalidade instrumentalizada, justamente a forma da razão que carece de pensamento e reflexão. Isso é parte do esclarecer dentro do esclarecimento de Adorno e Horkheimer (1985), dialética fundamental na qual não há entendimento do mito e da razão de forma isolada, são inseparáveis como pares conceituais, os quais, reflexivamente um determina a forma constituída do outro.

O que interessa nessa reflexão é uma representação não moderna da ciência e de seus instrumentos. Os melhoramentos tecnológicos como os da inteligência artificial são os *analytics* que remontam à história da magia e do mito, sendo impossível a separação dos elementos mágica e cientificismo na radicalidade de suas gêneses. Mágica por desejar recriar aspectos particulares da inteligência humana em espaço computadorizado. Ciência pelo sentido procedimental prático de resolução, produção de conhecimento, ação e invenção acelerada dos artefatos para concluir esta esperança (GREEN, 2018). A racionalidade tecnológica tardia é uma construção e também a força social que insufla e operacionaliza a probabilidade das ações humanas para aplicações calculadas e multifacetadas em campos heterogêneos, tais como o político, socioeconômico e moral. Em função disso, essa revolução técnica, à primeira vista, encanta por questões que merecem atenção quanto à ética de seus destinos. São elas: em primeiro, para existir a conexão com o mundo objetivo e concreto, é necessária a mediação de seus objetos com os quais se faz a interação e percepção entre o sujeito e a realidade. Em segundo, moldar e controlar as ações e escolhas dos usuários por meio de estudo preditivo.

Essa especificação não deixa de ser uma realidade proposta pela indústria cultural porque não obstante o panorama positivista do regime de execução das tecnologias e a fé unida no objeto para assegurar o seu significado racional, a representação de seus usos é dialética e tem seu reverso no conteúdo formal do véu de seu hiperracionalismo. Desse modo, a aglutinação entre sujeito e tecnologia é ideologia mítica exatamente por dar um sentido de forma ideal, de falso acesso às realizações e satisfações em uma

totalidade esquemática infantilista cuja representação é a de uma planilha de dados instantânea comercializada como se fosse sem contradição. Isso ocorre da seguinte maneira, antes de buscar informações pessoais, os buscadores coletam o próprio sujeito para ele mesmo de modo fragmentado, pré-embalado, remendado em um universo fantasmático de identidades on-line. O produto consequencial dessas ações induzidas é a reprogramação de valores e ideias pretendidos como intenções de voto, consumo, adesões e obediências. Daí que os valores intelectuais e o preço da consciência e inteligência são apresentados na forma de um produto com função matemática simples para uso utilitarista rápido à regulação e manutenção dos mercados. Conjuntamente, a ordem desse instrumental corrobora com a constelação do negativo em Adorno (2009) na qual a *ratio* instrumental é a distinção porosa entre elementos aparentemente análogos e também é toda a expressão não idêntica ao seu referente.

O prejuízo às relações e as suas constituições complexas mediante este arranjo difuso da indústria cultural e de suas instrumentalidades passa pela não resistência para combater a tendência de sujeição a uma existência no formato de mercadoria. Essa lógica cínica determina a autonomia às máquinas publicizadas de inteligentes e perpetua a heteronomia da razão. Ao imortalizar a subordinação aos esteios de opressão, as categorias que eram para se complementar em ascendência, são separadas de seu fim para confrontos estéreis: valores sociais e legitimação política, racionalização democrática e instanciação material do discurso social. Em síntese, separação padronizada e uniforme numa mentira de diversidade e heterogeneidade comandadas por um poder homogêneo e centralizador.

Essa é uma das verdades ideológicas e contraditórias da lógica instrumental que isola o conflito ou antagonismo entre matéria e forma como se fosse uma operação mecânica regida por uma estrutura universal de subjetividade. Visto que, nega que o todo se preserva e se expressa no interior do indivíduo por meio de oposições, e recusa o aprimoramento da tecnologia e ciência como finalidade e veículos de liberdade como argumenta Marcuse (1999b). Nessa extensão, como explanado anteriormente, no espetáculo capitaneado à inteligência artificial, algumas tópicas são intensificadas, como a desigualdade, a desqualificação humana, desemprego, preconceitos, as mesmas pautas que são utilizadas como prerrogativa de urgência e investimento progressivo em tecnociência. Essas aporias éticas concentradas na inteligência artificial respondem a humanização dela, e a solidificação da realidade virtual como principal meio de constituição dos laços sociais.

Ao mesmo tempo em que proclama a desconstrução dos espaços físicos e inibe as capacidades intelectuais formativas. Tão assim, ao recriar de forma computadorizada competências e habilidades particulares concernentes à inteligência humana, a máquina de IA replica os maus usos relativos aos problemas socioeconômicos e também morais. Dentro dessa mesma sequência de exploração instrumental está a possibilidade de incorporar a presença da IA naquilo que Ihde (2002) designa como uma tecnofantasia constituinte de uma nova forma de consciência e de uma nova representação de metafísica, de valores e de singularidade. Ou seja, um desenvolvimento de hiperrealismo dos algoritmos digitais para simular perfeitamente uma interação da máquina com o ser humano. Tal entrosamento demanda o imperativo do sinta, armazene, processe e transmita como e de onde quiser o espetáculo das imagens e informações a partir de um magnético toque de uma vara de condão.

Eis o anúncio ambulante de sedução do qual não se sabe quem é o emissor imperativo, quem comanda o controle, se é o usuário a partir de sua experiência

imediate com os maquinários ou se é a própria tecnologia avançada vingando sua eficácia hiperreal em simular a realidade concreta. Neste enquadramento, além do evidente confronto bruto do sujeito com ele mesmo incitado pelo artifício no uso do maquinário, há uma promessa de experiência e intimidade que jamais se concretiza no real, permanece sempre no modo de suspensão autorreferencial frustrante e sendo rapidamente substituída por uma nova imagem. Novamente, como protótipo, as telas dos mitos de punição como a de Tântalo (ADORNO E HORKHEIMER, 1985), fazem a ode e o pontilhado de uma remitologização matematizada em um sintoma permanente indestrutível, dado que a forma tecnossocial é autoexpansível e agressiva em sua égide, afinal, há uma grande abnegação para destruir a exploração anterior e construir a nova dominância mítica: “só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.18).

Dentre outros exemplos possíveis e semelhantes significa que “Quem quer pertencer à sociedade tem que treinar como andar ereto, dizer frases inteiras, lavar-se, ler, calcular, escrever — puras habilidades que, por mais prazerosas que possam ser em casos específicos, nunca entrariam no repertório humano sem coação” (TÜRCKE, 2010, p. 38). Com base nos autores, é crucial dissipar os mitos para combater a reificação que conduz ao natural o histórico e a relação de seus agentes. A reificação negocia todas as relações sociais como uma determinação estruturada universal de troca objetual pertencentes ao reino abstrato de equivalências. Ao executar esse subterfúgio, segundo Adorno (2009), a razão se instrumentaliza quando os instrumentos e meios são independentes do pensamento para existir fazendo sucumbir “os coeficientes históricos na relação do universal com o particular” (p.260). Por outro lado, sabe-se do caráter de impossibilidade dessa realização que sempre ficará como um desígnio suspenso e inacabado por conta da sua capacidade multiplicativa de exploração. Por efeito disso, as relações entre sujeito e objeto no desdobramento de uma dialética do negativo confere ao eixo máximo do social o conceito radical e central na não conformidade entre a subjetividade e objetividade e entre a identidade e não identidade.

A inteligência artificial é a criação que integra a particularidade e a vida pública e cotidiana do individual e coletivo. Todos estes campos em comunhão afetam e determinam de forma radical nossa conjunção tanto objetiva quanto subjetiva. Transformam nossas experiências de tempo livre, segurança, saúde e trabalho. Nessa esteira, a potência do esclarecimento frankfurtiano deslinda que toda essa diagramação de instanciação confecciona um quadro retórico de duplicidade entre a solução e problema, razão e mito, laboratório e círculo da feitiçaria. Já que esta dicotomia das novas tecnologias cibernéticas pressupõe na desenvoltura de seus cálculos a subversão de transcender com o mundo físico e com os limites do corpo biológico. Os nomes desse paradigma de rede seriam os circuitos biônicos, os ambientes sensoriais de produção física e extrassensorial de projeção holográfica. De um lado, separar da matéria, do corpo, “desencarnar”, porém, penetrando na realidade virtual, ao mesmo tempo em que descola, faz a fusão experimental, integra o todo e descentraliza o particular em unidades reduzidas a vivências inautênticas por meio de fragmentações ideológicas, disjunções no total de uma consciência extraída de si, obnubilada, difusamente reificada.

Noutras palavras, é a afirmação dos efeitos de uma objetividade tecnológica acelerada tensionando uma subjetividade que seja correspondente na simultaneidade do não simultâneo via formas de não identidade e de falsa consciência no imediato da coisa em si. Por esse lado, progresso e desenvolvimento técnico e social não é exatamente

liberdade, tampouco humanidade realizada nos princípios práticos kantianos, é ideologia dentro da lógica tecnocrática convergente a uma totalidade mítica. Um todo edificado na ordem de uma concreção do capital produtor de uma esfera paralela de irrealidade fantasmática com submissão e restrição das realizações materiais. Neste aspecto, no perfil pragmático de um irracionalismo computadorizado, mitológico e sistematizado, é quase impossível não diagnosticarmos que existe uma imagem e semelhança entre os procedimentos fixos e específicos da realidade aumentada, de big datas e assistentes, algoritmos e digitalização biológica com a espionagem de caráter metafísico – onipotência, onipresença e onisciência – outrora atribuída a deuses e santos, espíritos e demônios. Entes, os quais, a partir de outra dimensão integrariam e agiriam suas ações sobre as intenções dos sujeitos em outro plano. Imagens míticas ubíquas com controle e poder de julgamentos sobre a linguagem, os sentimentos e ações humanas. Em virtude disso, o status dessas imagens assume o duplo caráter icônico de agente inimigo e divino.

No que tange isso, como salienta Campbell (2016), a digitalização das coisas incide em uma mítica tecnoespíritual em que a tecnologia funciona como uma transcendência divina ao divinizar a humanidade, que a transforma em um misticismo tecnológico sendo a tecnociência praticada como religião ou dogma que gritasse aos seus discípulos fanáticos: “*não me desafie, não duvide, não negue meu nome, morra por mim*”. Mesmo com a modelagem experimental de arquiteturas cognitivas e dos hardwares evolutivos usando algoritmos de lógica obedientes às leis matemáticas, o esclarecimento dessa racionalização de manipulação do mundo material, personaliza a mimese mítica abstrata de um agente invisível, tal como figuras arcaicas do oculto e da ficção literária com poder sobrenatural de sugestão e antecipação como se fosse realizada a leitura da mente do usuário pela IA algorítmica: capturar o pensamento e intenção dos mortais. A desembocadura dessas considerações predica na particularidade de que “A razão e a religião declaram anátema o princípio da magia”(ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.27).

Oportunamente, fazem sim uma excomunhão e também afirmam seus princípios ainda mais, observemos o porquê disso nas próximas linhas. Esse registro pode ser exemplificado diante da semelhança apontada por Dorobantu (2021) entre a inteligência demoníaca presente na tradição moral cristã e os algoritmos de IA e mídia social. Por meio de um exercício de interlocução imaginária e real, Dorobantu (2021) propõe que, há muita semelhança entre um devoto do século V, isolado em oração, observado e tentado pela mítica imagética do Diabo, e um usuário do século XXI, encapsulado na realidade virtual, ultraconectado com a internet das coisas (IoT) sendo tentado pela técnica dos algoritmos da IA. Completamos que existe uma importante diferença nessa analogia, e ela está no cânon da racionalidade ubíqua e efetividade de comandar remotamente a intenção do sujeito. Qual seja, os algoritmos erram menos, com resultados imediatos sua programação de software sistemático determina, atinge e faz o alvo ceder com maior eficácia e agilidade.

Sobre isso, como alude Lewis (2017), o Diabo como não tem acesso direto sobre a alma, desempenha este papel braçal de compilar dados e estatísticas, tabular hábitos e repetições das tendências de cada um. Numa espécie de esteira burocrática kafkiana, ele observa o comportamento dos humanos a partir do olhar, visto que o olho se direciona para o objeto de desejo, faz o cruzamento dessa ação com os dados coletados das reações fisiológicas como batimentos cardíacos, microexpressões faciais. Por fim, analisa esta prévia e interpreta a real intencionalidade para ofertar, inclinar e perverter

tanto o sentido de delimitação kantiana idealista das esferas de verdade da coisa em si, como dos marcos hegeliano da subjetividade objetiva denominada de *Zeitgeist*. Pela versão técnica, a atribuição algorítmica de imitar o íntimo da consciência infere a capacidade de determinar a direção da lei, das escolhas e do juízo de moral. Essa conjuntura de a IA acionar e remexer em padrões humanos, finda a trilha de domínio e apropriação sobre as verdades simbólicas e secretas do sujeito interconectado em sua rede artificial. Para além de ver ou monitorar as massas, a inteligência artificial estaria habilitada para compreender o que monitora e visualiza para tomada de decisão sobre sujeitos hiperconectados, que transitam como que embrulhados em nuvem de dados.

Sendo assim, na variante mítica, afora uma figuração do adivinho xamânico, algoritmos de vigilância e assistentes virtuais inteligentes sintetizam o olho e a voz do sobrenatural, que respondem e se manifestam quando invocados através de um conjunto elementar programado como em um ritual de magia: 1- Ativar uma ligação de mensagem oral ou emitir comando de voz (prece); 2- captura da transmissão da palavra pelo corpo celeste orbitado no alto (satélites); 3- composição e conexão com este alto para religar; 4- simbologia, energia e luz para receber o sinal invisível (*wi-fi*); 5- fórmula secreta de códigos alfanuméricos (palavras-chave). Então, um portal se abre em um visor espelhado negro de *smartvs*, *smartphones* e computadores, análogos à estética dos espelhos negros de invocação das práticas mágicas de feitiçaria. Ambos têm a mesma operacionalidade final: estabelecer contato, comunicação e informação. Acima de tudo, como escrevem Adorno e Horkheimer (1985), além de a ciência ser a repetição aprimorada em estereótipos, é também a prova das “imitações organizadas de práticas mágicas, a mimese da mimese” (p.27).

No desfrute dessa interlocução desmembrada, Mauss (1902/2000), em seu *Esboço de Uma Teoria Geral da Magia*, reitera a magia como uma dinâmica social formalizada em regras e crenças muito precisas e substanciadas para realizar seu poder de função; condição fenomênica que faz com que um amuleto ou pedra protejam do mal de fora. A técnica e a ciência precisam simular a coisa em si, transferir ao olhar a projeção do conteúdo como uma confirmação de envio, recibo e eficácia. Quando o mago profere uma fórmula, entrelaça-se no ato e passa a crer em seu poder; projeta sua ideia de realidade para fora de si e ativamente busca confirmá-la para modificação do mundo e reorganização de sua experiência. A fórmula e o objeto mágico são os receptáculos dessa crença idealizada, que tem a angústia e o medo como ligação simbólica para sua manutenção.

Nas propriedades dessa equação, Mauss (1902/2000) vai nos dizer que uma fórmula faz transformações na natureza interna e externa, por exemplo, na alquimia há a transmutação do ferro em ouro, de modo análogo, Lacan (1992) reitera que uma fórmula faz uma máquina falar, já que as fórmulas da técnica e da ciência geram novos ambientes de existência nomeados de *Aletosfera*, conciliação entre atmosfera e alétheia, a franca constituição da extensão do pensamento e do discurso científico transsubstanciados nos gadgets através das palmas das mãos, como conclui Lacan (1992). A tecnologia é a corporificação materializada dos sujeitos; e seus objetos técnicos de consumo são o lócus de revelação da ordenação do inconsciente e da condição de seres desejantes. Por isso, faz muito sentido conforme apresentado na somatória das discussões que, as fundições mágicas performativas e metafóricas agregadas aos algoritmos da IA os condicionem como expressões espelhadas de figuras demônias. Em outra extensão, sejam também desvelados como semblantes de mentores de superpoderes míticos, famigeradas entidades que atendem chamados para realizar

desejos e ou providenciar as mensagens do futuro: Gênio da lâmpada; Bruxas e bola de cristal; Fantasmas espirituais e círculo mágico. Portanto, tais quais os agentes de software da razão instrumental esclarecida: Alexa, Aura, Siri, Neon, Cortana, Google Duplex, que sugestionam e dirigem, alertam e repreendem, e são companheiros emocionais.

Dentre outras gamificações, estes aplicativos de inteligência artificial fazem a dupla personificação divina tanto da imagem paterna autoritária como da santificada materna. Ao mesmo tempo, não à toa, sua autoprogramação sustenta maneiras de desejar e gozar tal como uma prosopopeia para o reino dos fins. Nesse enredo, é possível observar que, a indústria da publicidade sequestra pautas psicossociais urgentes – assédio e violência de gênero – deforma e embute, anedoticamente, um animismo histérico fantasmagórico à inteligência artificial,¹ identificada com a prostituta e a recatada, feita para confundir, pronta a ruir e cessar com o desejo do outro: “*use-me, mas não goze, não sou quem você pensa*”. As coisas não são o objeto de desejo, apenas ocupam o lugar destinado a tal e ao ocupá-lo, destroem suas chances de realização. O inconsciente, nessa evocação pulsional, manifesta suas formações nas novas tecnologias digitais, as quais servem não apenas para organizar e representar nossos desejos, mas também para reproduzir a performance do desejo já falsificado pela velocidade do capital. O espelho e a linguagem mostram que o inconsciente se exterioriza em objetos que simulam nossas atividades, emoções e imagens. Por espelho, tela; por linguagem, discursos das redes sociais.

As novas tecnologias não são para emancipação, entretanto, para corporificação ideológica e ambulante dos sujeitos no ritmo de um *softporn*. Anulação do que se promete, o recurso não pode ser empregado, é obrigatório gozar com faltas, restrições e abstinências. Ademais, Adorno e Horkheimer (1985) sinalizam que a indústria cultural se propõe como puritana e pornográfica: expor ao máximo o objeto de desejo, oferecê-lo e privá-lo de ser usado, tanto quanto a ideologia do convento é renunciar à felicidade alcançável. A indústria cultural manufatura próteses de desejo. O ato em si, concreto, fica sempre aquém do que se imagina, por consequência, suspende-se sua realização; frustra-se e promove-se uma renovação da decepção e dos problemas.

Observe-se que há uma medição da tecnologia como a mediação do papel constitutivo da humanidade: como agir, viver, e promover uma ética de si e de preservação do mundo e das relações. Tão logo, uma subjetividade moral de práticas ascéticas modulada por uma objetividade instrumental avançada de manipulação, uma mercadoria de contenção pulsional e de corte libidinal. É tentada a venda de uma aparência não dialética da coisa. Exatamente por isso, tropeça para o outro lado, a apropriação do feminino pela inteligência artificial na sintetização vocal, procura apresentar um ser neutro com vistas à desconstrução entre o feminino e masculino, eliminação de diferenças e fronteiras, concomitantemente, destaca a desigualdade e marca a predominância de um gênero sobre o outro.

Como nos esclarece Marx (1867/2011) nesses fins e no mecanismo dessa artimanha, o capitalismo tem o poder sacro de transformar a natureza dos processos, de transformar tudo e qualquer coisa em mercadoria, de se apropriar de questões impactantes, sejam mazelas sociais, injustiças e desigualdades, sejam principalmente produções críticas ao próprio capital, e acima de tudo, lucrar com isto e superfaturar com a alienação. Perfeitamente para Adorno e Horkheimer (1985), então, que o fetichismo da mercadoria de Marx, é nas suas críticas a categoria em síntese que expressa a forma social objetiva das relações sociais existentes. O fetiche que reproduz e

ensina a tradução de uma visão unilateral com pontos cegos dos andamentos fenomênicos e faz um borrado nas particularidades do objeto, dando um tom de destruição de sua manifestação. Mais ainda, torna-o sempre igual, uniformizado e reduz ao mesmo palco de *talk shows* em nível de importância, num acórdão de mediocridade, o exame crítico de intelectuais e filósofos com as frases chavão das celebridades da indústria cultural.

Essa padronização universal visa a uma harmonização cultural produtora de um sistema social totalizado na dominação, no qual se perde o potencial de negação do conceito, do individual e do particular como aviva Adorno (2009) nesse aspecto. Assim, temos uma forma abstrata mediadora de dominação que caracteriza a totalidade capitalista tardia nos modos idealista da tecnociência. Liberdade na pobreza é um sofrimento sem liberdade, mediados socialmente pela tecnologia que se emana no todo falso e deriva a alienação radical. Para classificar na ordem retroativa do clichê, é preciso sempre se renovar na repetição para antecipar o já visto e ludibriar os consumidores com os desejos forjados. A indústria tecnológica desmembra repulsa e pavor, e desembrulha a ilusão de onipotência através da tentação para direcionamento da reação desejada a ser prevenida, manipulada e fixada em retorno infundável na insistente compulsão generalizada à repetição e à emissão, nesta circunstância, “é a luta pelo aí” (Türcke, 2010, p. 53). Sobre isso, Adorno e Horkheimer (1985) respondem que a compulsão é permanente e fixa para a produção de novos efeitos confinados ao velho esquema tanto do tecnicismo da razão quanto da punição da mítica poietica.

A sociedade é um prolongamento da natureza ameaçadora enquanto compulsão duradoura e organizada que, reproduzindo-se no indivíduo como uma autoconservação consequente, repercute sobre a natureza enquanto dominação social da natureza. (p.150).

Aqui temos o papel imposto ao sujeito pela estrutura de poder econômico: tornar tudo universalizável e unânime via reprise pelas ondas da indústria cultural de seus produtos técnicos para a economia de tempo. Formação de um sistema totalizante, ou seja, uma significativa redução dos interesses particulares individuais ao denominador comum do todo. É um ponto de inflexão que se apresenta no amálgama entre problemas sociais reais “irremediáveis” e as criações para salvar ou beneficiar exatamente os construtores deste mundo iníquo: realidade aumentada virtual, sinapses eletrônicas e a forma fetiche de seus objetos de elevado design estético.

Todo esse aparato instrumental tem o poder de absorver e ocultar a realidade e o presente ao sugar os sujeitos – corpo e mente – para o interior de um tempo digital em metaverso, ao residir no sujeito individual como objetos internos, os efeitos desse objeto nessa transformação de horizontes intersubjetivos é a transmutação dos sentidos e percepções da realidade compartilhados numa simulação à exaustão. A indústria cultural faz a padronização do tempo livre e da organização do trabalho ao expropriar pela técnica do capital o lazer convertido em um produto seriado do trabalho alienado. Do padrão escorre secreções ideológicas em todas as produções, sejam inteiras ou em partes, no caso, obras opostas são integradas e uniformizadas em um modelo comercial que elimina as diferenças entre elas (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

4 FINANCEIRIZAÇÃO E COMPUTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

O espetáculo de financeirizac

ão da vida racionalizada como mercadoria

ratifica que o terrorismo específico das fábricas, denunciado por Marx (1932/2010), em seus Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, contagiou absolutamente todos os âmagos da precária existência humana. No século XXI, o terror está na lógica da tecnologia avançada como a base substancial e coercitiva da sociedade. Proporcionalmente o deslocamento da tecnociência em termos de avanço apresenta o mecanismo do encantamento via manipulação da razão e do pensamento: sedução de riqueza e potencial, eficiência e agilidade, fim dos problemas e contradições, e todas as tratativas provenientes desses núcleos ideológicos retroalimentados pelo esquema totalizante da indústria cultural e da tecnociência. O poder repressivo do todo complexifica aos sujeitos a identificação com a construção de uma vida danificada, ao contrário de Ulisses que resiste ao toque de feitiço e não cede aos encantos da feiticeira Circe, há a satisfação falsa, que caracteriza o avanço da regressão, a forma progressiva da alienação em *loop* infinito (MARCUSE, 1999a).

Isto significa que há a fratura da essência histórica da ação radical correlata à lógica versada na potência do pensamento crítico. Sua constituição, por conseguinte, é fabricada no contrário, preenchida com a ausência de exercício da capacidade racional de mobilização e inconformismo, uma não recusa à conformação irracional. Toda a energia da existência ou capacidade de sublimação, para Marcuse (1999a), fica calcada e redirecionada para fornecer vigor à máquina de produção de consumidores. Zizek (2011) faz a leitura dessa aporia como a transformação de humanos em objetos de controle dentro de um sistema global integrado para o consumo com a ajuda de dispositivos computadorizados. Isto permite que os indivíduos vivam de acordo com a implacável injunção de se satisfazer abrindo mão de seus desejos, então, digitalizados e crônicos.

Essa toada sinalizada por Zizek (2011) dá a desmedida da razão tecnológica progressiva fomentada em uma objetividade irracional que transforma os meios de produção, a riqueza e o progresso em formas dependentes das suas próprias contradições para existir, isto faz uma importante aliança com Marcuse (1999a), se pensarmos na essência da ordem de apresentação do terreno complexo da realidade não sublimada, posto que o conjunto social está encampado com humanos e sistemas de IA conectados dentro de sistemas híbridos complexos e competitivos entre si. Portanto, Marcuse (1982), para não perder a confecção do pensamento imanente acerca do futuro utópico arrastado em uma ideologia da sociedade industrial, ilumina o caráter dessas acepções na crítica radical do progresso burguês. A crítica marcusiana é a denúncia do modo desajeitado de operação da ideia dominante e como noção de estrutura é fundamentalmente uma crítica ao modelo dessa ideologia da sociedade industrial como poderoso arsenal de guerra e fascismo manifesto (MARCUSE, 1999b). A ideologia burguesa é tão entranhada que, apesar de todo o patrimônio intelectual produzido pela humanidade explicar e denunciar as situações objetivas de exploração histórica de dominação e eliminação, ainda não é suficiente para efetivar a modificação da sociedade. Um tecido social que seja menos alienante e assujeitado aos meios ingressantes aos artifícios da servidão, que corroem dos sujeitos suas próprias possibilidades de autonomia.

A ilusão de uma resposta sistemática parte em seu contrário negativo que sentencia mais tecnologias de sujeição social com a eliminação de populações mais vulneráveis. O sistema avançado em tecnologia e ciência sofisticou o sentido de controle sobre as consciências e hábitos, retirou de cena o inimigo imediato concreto que opera e puxa a alavanca de destruição do elemento vida, o *vêu tecnológico* do qual fala Adorno

(1995) quando do caráter de compreender a técnica como uma força de automatia, um objeto em si mesmo, uma entificação da coisa inanimada. Em certo aspecto, isso é um dispositivo que faz com que a barbárie tenha o rosto de algo trivial ou momentâneo, uma ocorrência do acaso ou acidental, compreendida pelos sujeitos como a condição social básica de existência e inevitável, autorizada por uma governança de leis de caráter natural e imutável. Isso em parte responde que a abundância material racionalizada impõe múltiplos lugares aos indivíduos espoliados nesse enquadro. Um deles é o de trabalhador colmatado no modelo escravagista tecnocrático. O outro, o de consumidor como produto mantenedor de toda a dinamicidade de um sistema totalizante de relações sociais reificadas. Apesar dos simulacros de belas paisagens durante o percurso, há ameaçadoras sinfonias, seja no maremoto dos cânticos das sereias ou na ópera *Lohengrin*, recurso audiovisual como barganhas faustianas com o mesmo destino fatal bárbaro.

Consoante ao que destaca Marcuse (1982) acerca da sociedade materialmente unificada, tais tensionamentos ontológicos substanciais de verdade e aparência, pensamento e consciência, essência e percepção, constituem-se e desaparecem na racionalidade da vida tecnológica tanto quanto a mercadoria desaparece nas relações sociais, então, livres de valor, fungíveis, vazia de importância transcendental além do valor de troca, que reconstitui a natureza como objeto de controle, administração e ordem. Para fins de redimensão, tal questão é a abstração da forma social de produção mercadológica permutada por um valor da coisa em si sob a forma fetiche da própria abstração de troca. A função da forma capitalista no social, portanto, necessita ser concretizada pela forma fetiche mediando objetivamente todas as atividades das relações sociais que a produzem.

O sistema técnico unidimensional presentifica a organização social mediante as relações violentas do exercício dominante da tecnologia, tal qual, irracionalidade no interior da racionalização social de produção. Horkheimer (1999) estabelece essa conexão da vida econômica social com os rumos do desenvolvimento dos interiores do psiquismo correlatas a grande transformação postulada no reino da cultura e do mercado com o fascismo sendo a face mais moderna do capitalismo. A forma mercadoria exercita não somente a economia perversa capitalista, mas a formação de consciência como sujeito-objeto na dimensão constitutiva da história. As relações entre o psiquismo, os objetos fetiche do consumo e as formas autoritárias de poder do capitalismo de estado são o suporte para composição de consciências objetificadas. Em suma, para refletir especificamente as novas mídias, é imperativo pronunciar a relação de poder ativo econômico de mercado que introduz um modelo tecnocrático de controle autoritário polido – todos os utensílios de gênese bélica disfarçados de entretenimento – transmitido como um modelo democrático de comunicação.

Os traços dessa represália é a contenção do vigor libidinal nos andaimes do social. Deslocar o ethos de produção artística, estética e cultural para a reprodução e valoração de recursos tecnicistas. De outro modo, existe uma distância por meio da abstração constitutiva dos interesses individuais e coletivos e do telos tecnológico em relação à sociedade, fora da qual, é simultaneamente parte e anulação dos processos, pois serve como meio e não fim. Enzensberger (1978) evidencia este fator multidirecional das mídias ao explicar que o rádio não é um meio cuja finalidade seja propriamente de comunicação, e sim, de distribuição publicitária. Cada receptor é o objeto transmissor, e cada postagem e clique é a personificação do referencial imaginário do usuário. Numa direção semelhante, Türcke (2010) reflete que “quando a

tecnologia vai tão fundo no indivíduo que cada um não pode senão metamorfosear-se em um transmissor de si próprio em sua radiação pessoal é obscurecida por uma etérea, que abala o próprio fenômeno do estar-aí.” (p.45).

Com base nessa linha de Türcke (2010), encontraríamos um humano disfuncional, revertido mais como antena de captura e disparo de mensagens eletrônicas alienadas do que de uma atividade autônoma e reflexiva. A indústria cultural, como ilustram Adorno e Horkheimer (1985), determina mais ao imediatismo utilitário do que à liberdade. Visa facilitar sistemas de exploração e controle, e atender as demandas econômicas de oligopólios industriais do que servir os humanos nos proponentes de realizações. Simula organizar as massas quando na experiência concreta desmobiliza e restringe as suas intenções e atuações, tal como Marcuse (1982) aponta para a formatação de uma existência humana na passividade e na não percepção de sua urgência real econômica e política com o desvio para falsas representações sedutoras da sociedade industrial. A racionalidade tecnológica tanto compõe quanto impulsiona o controle social de uma sociedade subdividida em divisões sociais hierárquicas de produção, propriedade e competição agressiva com o objetivo de lucro.

Para Marcuse (1999b) esse nível de racionalidade técnica da modernidade atinge todos os campos da vida organizada sob a forma de relações de produção capitalista, uma forte determinação radical na vida material e psicológica dos indivíduos. Os resultados são institucionalizados na perda da totalidade de alternativas e perspectivas críticas. Tudo isso deflagra no diagnóstico da eliminação da autonomia da razão e da liberdade pelo princípio normativo regulador da produção e padronização universal da dimensão material e subjetiva. Heteronomia como a descentralidade do sujeito separado de suas condições primordiais para realizar qualquer mobilização de oposição à mercantilização do espírito e à sociedade industrial avançada. Temos o testemunho da luta competitiva pela sobrevivência miserável, e a disposição a morrer para que o trabalho possa funcionar em sua plenitude de destituição da imanência. A síntese dessa estrutura é a alienação como a separação de algo que pertence junto e que não deveria ser descolado de sua corporatura. Essa separação violenta da força objetiva de constituição do trabalho das condições subjetivas de sua realização não é socialmente independente de acordo com Marx (1932/2010), no entanto, favorece o rompimento com particularidades não idênticas no interior da relação do mundo material e da subjetividade.

Representativamente, temos uma revolução antagônica ao processo de reprodução material alinhavada com a práxis revolucionária da filosofia dialética marxiana. A reconciliação da razão para Marx (1867/2011), nessa confecção demarcada, é a sua fórmula em que a classe dominante é na verdade a ideia dominante que vigora na respectiva época analisada frente a sua construção material de poderio arbitrário. Trata-se da universalização categórica de um sistema totalizante de soberania tecnocrática. Para o atual momento tecnológico, significa a transformação da autoridade técnica para se assemelhar flexível e aberta à inovação e alternativas de inclusão. Para que esta articulação seja possível, uma vultosa propaganda sedutora é incrementada com a ideia e demanda de que artefatos algorítmicos terão consciências profundas. Só que eles falham em responder pelo sujeito, e demonstram os passos largos sobre a dubiedade ética e moral, e as impossibilidades de conquistar a autonomia, porquanto, há a urgência de automatização do automático. A consolidação de neurociência com alta tecnologia para gerenciamento de humor, monitoração de demandas, melhor desempenho cognitivo, e conectividade sensorial com dispositivos das redes globais, busca em vão anular e

apagar a tensão necessária à emergência dos métodos da filosofia dialética. Aumentam-se justamente a coalizão entre totalidade e práxis, usos e valor de troca e consciência reificada, aceleração e distração concentrada, tecnociência, racionalidade instrumental e mitos.

5 FEITICEIRA CIRCE: O PASSADO FUTURISTA DA ROBÔ SOPHIA

Primeira travessia: Cântico X da Odisseia, Homero (2011) abre as cortinas para apresentar a manifestação transcendente do que seria o avatar de uma mítica de IA avançada: a Deusa Circe, a Maga da conversão e reconversão, munida de poderes sedutores, faz seus ataques às necessidades e impulsos fisiológicos por meio de toque mágico. Os prisioneiros enfeitiçados são os marinheiros ao chegarem à *Ilha de Eeia*, refúgio de Circe. Circe entrega um poderoso banquete regado à bebida; adormece os homens, e os transforma em porcos. Pode-se arriscar duas interpretações nesse compasso. A primeira parte de uma engenharia genética em que a feiticeira instrumentaliza, calcula e altera como que em tubos de ensaios os componentes químicos do vinho para a transmutação da natureza biológica corporal e para o controle e aprisionamento da consciência dos marinheiros. Eles, após a bebida, num estalo ardid de magia, racionalmente se constatarem como porcos grunhindo.

A segunda possibilidade é a filosófica da interface tecnológica entre a mente e corpos distintos, cérebro e computador no advento das próteses cibernéticas da modernidade tardia. Circe escaneia, digitaliza, faz um *download* das consciências dos homens e as transfere como que em um arquivo de carregamento que metamorfoseia em *upload* aos corpos de suínos. Temos desta feita, sob o jugo de uma deusa, a hibridização e antropomorfização, animal com consciência humana, estar em um corpo com o qual não se identifica. Em uma atualização de cenário, é o mesmo que identificarmos a ideia de escravidão humana por meio da manipulação do organismo e das células, da rede neural e da genética via poderes químicos e cibernéticos com a integração bidirecional entre as máquinas e os sistemas vivos. Em outros dizeres, expor, mudar e destruir os limites criados, este é o lema tanto de Circe quanto da tecnociência, por essa práxis, mito e razão pensam e falam a mesma língua em tempos distintos.

Outra ordem de parada: *“Em 2030 eu serei o novo normal e a questão central é: eu serei mais parecida com você ou você será mais parecido comigo?”* Esta afirmação interrogativa é de Sophia, primeiro robô com direito à cidadania, da empresa de robótica *Hanson Robotics*, que dentre as chamadas de marketing estão *“Damos vida aos robôs”*; *“Humanizando a IA”*. O design de interface humano-IA é a estratégia de sedução para reações positivas dos seres humanos com os robôs. Para transparecer o máximo de semelhança, de acordo com o fundador, David Hanson, é empregada a nanotecnologia que imita a pele e musculatura humana com o desenvolvimento de mecanismos de expressões faciais humanase uma IA cognitiva holística. Isso é plausível com a integração instrumental da ciência cognitiva e da engenharia robótica. Segundo a empresa, esses robôs humanoides podem *“manter contato visual e conversas naturais, reconhecer rostos, compreender a fala e aprender e se desenvolver por meio da experiência”*. Sophia é também *“a primeira embaixadora de inovação em robôs para o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas e fala em centenas de conferências ao redor do mundo”*.

Ora, vejamos, se trouxéssemos em uma máquina do tempo um sujeito do fim do

século XIX ou início do século XX, e apresentássemos este conjunto de conexões, fios, placas e borrachas que gesticula e fala, possivelmente, ele diria que é uma Boneca Mágica de Vodou possuída por alguma forma ancestral de espiritualidade. As inovações desses processos são capazes de transformar o Panóptico de Bentham em um divertido brinquedo de parque infantil. Destarte, a composição sonora dessa magia é o cântico das sereias cujas cifras dão o tom da natureza da racionalidade formal elaborada por Marcuse (1999b) como uma abstração da tecnologia de tal modo que ela invisibiliza a cumplicidade de dominação resultando em uma reificação de ampla passividade contemplativa. Ou no que designamos como uma espécie de razão ética consequencialista de máquinas cognitivas acima da condição humana de consciência. Vejamos uma passagem de Türcke (2010) que se coaduna a esses fatos:

O homem como criador de coisas – daí a figura mitológica de Prometeu – é de tal forma relegado à sombra por suas criações, que se envergonha e começa a assemelhar-se a seus próprios produtos: viver de acordo com o relógio, trabalhar no ritmo de máquinas, ligar e desligar suas funções vitais (TÜRCKE, 2010, p. 47).

As criações dessas mercadorias tem a função de organizar permutas e divisões na sociedade. Estabelecer hierarquia entre robôs e humanos e a substituição destes em funções especiais como o trabalho. Sob a égide de um ato particular à autopreservação e amparo à humanidade, institui-se a separação entre sujeito e objeto. Assim, fala-se em preservação da vida, ameaçando-a cada vez mais. É violência porque é um falso universal que garante um instrumento autorrealizador alheio ao sujeito sendo contrário a sua essência. Tais propriedades presentes no interior do contexto da tecnociência redirecionam o mapeamento-chave de reinterpretção das formas constituintes da crítica concentrada a respeito de a inteligência, forma e humanidade serem postuladas como mercadorias eletrônicas. O alvo não é somente o corpo para propósitos controláveis e ajustáveis, e sim, a mente como mercadoria de luxo. Tal como consideram Kumar e Choudhury (2022), a palavra “coisas” em internet das coisas (IoT) coisifica qualquer sentido e espécie, nisso, coisa significa desde humanos até sensor de escada.

A mente antes fundamentada como partícipe da totalidade do processo histórico, agora, raptada e acelerada para as desconstruções entre as dimensões racionais da consciência e da própria inteligência. Objetificada à pronta-entrega, mecanizada em uma sociedade tecnocratizada e ideologicamente ajuizada ao ritmo exploratório do capital neoliberal. Artificialização do sensível em redes neurais de algoritmos genéticos empresariais visa à criação de subsistemas de controle, repetição e consumo obsoleto. Esta fusão biodigital é anunciada por Schwab (2016), cujo método está com a bionanotecnologia, nanobots sofisticados à interface com os neurônios biológicos: aumentar os sentidos e a realidade virtual de dentro do sistema nervoso. Não somente no sentido abstrato, todavia, na esfera da própria capacidade orgânica revolucionada, eliminar doenças degenerativas, alongar a vida com mais “qualidade” e produção e trabalhar por tempo indeterminado.

Um mundo formatado à sujeição da utilidade dos objetos só pode implicar a reificação harmonizada a uma cultura em sua totalidade predadora. Essa norma inclui um padrão universal e exclui os sujeitos da possibilidade crítica da cena de robôs estetizados como humanos e do potencial de negação da inversão acentuada de robôs apropriados de cérebros biológicos e corpos biológicos com cérebros digitais. Uma indústria cultural científica provedora de inteligência reprogramável, ilimitada para

novos modelos alternativos de interação entre humanos e objetos digitais. As máquinas cognitivas ou os robôs humanizados fomentam a materialização de que é irrefreável a expansão das bases de produção de conhecimento e realização intelectual. De outra maneira, isso também diz que elas são a própria expansão da inteligência humana. Quais as prospecções regressivas teremos quando a porção não biológica da inteligência humana expandir para superpoderes em caráter absoluto? Se a indústria cultural promulga um padrão de repetição, não é diferente a ontologia dessa racionalidade tecnocientífica como conceito replicante histórico e político: novas formas de poder e domínio são solidificados enquanto se distrai com a destruição de velhos sistemas de opressão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões abordadas ao longo do trabalho apontam que, a revolução sistêmica organizada pelas novas tecnologias e pelos seus extensos princípios norteadores têm demonstrado em largas proporções, a atualidade das observações radicais do pensamento da Primeira Geração da Escola de Frankfurt. Essa reformulação tecnológica afeta o âmbito socioeconômico e pontua a contrapelo a dilatação das dificuldades da realidade objetiva nas desigualdades tecnológicas em ascensão. A velocidade algorítmica é direcionada para a alteração das capacidades cognitivas junto da promissória de liberar mais tempo e espaço ao cérebro, mais automatização, praticidade e menos tempo de contemplação e experiência. Tal evolução significa executar o seu próprio autodesaparecimento, existindo ainda mais nas condições bárbaras. O real dessas estruturas implica considerar o todo das formas sociais objetivas constituídas e constitutivas dessas relações que se somam e se subtraem sem se anular, mais além, a tentativa de negação delas e das suas representações pelo não idêntico.

Ao dissolver o mito, Adorno e Horkheimer (1985) fazem a remissão de que o esclarecimento manufatura uma nova mitologia do positivismo e do progresso. A desmitologização é o desenvolvimento, contudo, é o voo à recaída na magia. Essa estação mítica está em construção na perspectiva da Quarta Revolução Industrial, a qual, em absoluto, acelera uma noção de poder transformador de grande complexidade se aproximada da dimensão das Três Revoluções Industriais anteriores. Das ficções utópicas para os fatos distópicos mantenedores dos projetos falhos; das aporias éticas na produção social de existência com a ameaça de extinção da força material de produção humana, o fato é que tal progresso recua porque conduz para uma crescente visibilidade das velhas desigualdades sociais. Avança na regressão porque enquanto integra redes e sistemas físicos e não físicos num toque exponencial de magia orquestrada, descentraliza e desintegra a figura humana de suas potencialidades subjetivas e objetivas da experiência real. As equações dominam para naturalizar as criações destruidoras do natural subjetivo pelo artificial mecanicista. Ao agredir a experiência coletiva e individual industrializando a memória, conhecimento e inteligência, reivindica-se exatidão para todos os processos, o reino dos sentidos transforma-se no reino de dados. Os sujeitos submergidos nestas condições irracionais, “desfrutam” da paralisação das fantasias, da não distinção entre percepção e imaginação, realidade, ficção e sonho.

As tecnologias digitais são as vias exteriorizadas para o controle do sujeito de fora para dentro com sua incorporação de objetos biotecnológicos em uma ação direta à mente, à consciência, à neurose da imortalidade física. A Teoria Crítica sempre atual nos

possibilita identificar e denunciar as tendências e aporias desse esquematismo defendido como uma nova cosmovisão da vida. A digitalização da vida é ideologia, e onde é falsa, é real, onde aparenta validade, ilumina sua nulidade estrutural. Como ela se origina conduz para como ela se expressa na atualidade e como se fortalecerá em seus fins para com as relações. Se a mente não pode se deparar com a possibilidade de sua morte direta, a sobrevivência humana sitiada neste “novo inferno” será o testemunho de sempre: da interminável impossibilidade de viver.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*. Tradução: Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.
- ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução: Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Pequena história da fotografia*. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet e Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- CAMPBELL, Heidi A. *Problematising the Human-Technology Relationship through Techno-Spiritual Myths Presented in The Machine, Transcendence and Her*. *Journal of Religion & Film*, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/232771466.pdf>
- DOROBANTU, Marius. *Are humans hackable? Artificial intelligence, demonic intelligence, and the notion of our free will. (Society for Philosophy of Technology) – “Technological Imaginaries”*. Presentation at the SPT Conference, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/e49iUHVRD3I>. Acesso em 15/08/2021.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação*. Editora: Tempo brasileiro, 1978.
- FOUCAULT, Michel. (1978-1979). *Nascimento da biopolítica: curso dado no College de France*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, Sigmund. (1906-1909). *O delírio e os sonhos na Gradiva: Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FREUD, Sigmund. (1930). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GREEN, B.P. *Ethical Reflections on Artificial Intelligence*. *Scientia et Fides*, 2018. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/58244/1/01.pdf>
- HANSON, D. *Hanson Robotics*. Disponível em: <https://www.hansonrobotics.com/humanizing-ai>. Acesso em: 12/02/2021.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- HORKHEIMER, Max. *A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisas Sociais*. Praga: estudos marxistas, São Paulo, n.7, p.121-132, 1999.
- IHDE, Don. *Bodies in Technology*. Minneapolis, Londres: *Jornal universitário*, 2002.
- KUMAR, Shailendra; CHOUDHURY, Sanghamitra. *Normative ethics, human rights, and artificial intelligence*. *AI Ethics*, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s43681-022-00170-8>. Acesso em: 30/05/2022.
- LA BOÉTIE, Étienne de. (1549). *Discurso da Servidão Voluntária*. Tradução: Laymert Garcia dos Santos. Comentários: Claude Lefort. Pierre Clastres e Marilena Chauí. Editora Brasiliense. São Paulo, 1982
- LACAN, Jacques. (1959-1960). *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Versão brasileira de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LAFARGUE, Paul. (1880). *O direito à preguiça*. Introdução Marilena Chauí. Tradução: Teixeira coelho. Editora Unesp. São Paulo, 1999.

- LEWIS, Clive S. Cartas de um diabo a seu aprendiz. Tradução: Gabriele Greggensen. Editora: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- MARCUSE, Hebert. Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Alvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.
- MARCUSE, Hebert. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARCUSE, Hebert. Tecnologia, guerra e fascismo. Tradução de Maria Cristina Vidal Barbosa. São Paulo: Unesp, 1999b.
- MARX, Karl. (1932). Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. (1867). O capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MAUSS, Marcel. (1902). Esboço de uma teoria geral da magia. Lisboa: Edições 70, 2000.
- ROSA, Hartmut. Aliénation et accélération. Vers une théorie critique de La modernité tardive. Traduit de l'anglais par Thomas Chaumont. Éditions Nordic Summer University Press, en 2010.
- SAFATLE, Vladimir. Psicologia das massas e do fascismo. Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39801006/Psicologias_do_fascismo_curso_completo_2019. Acesso em 15/09/2020.
- SCHWAB, Klaus. A quarta revolução industrial. Tradução de Daniel Moreira. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2016.
- TURCKE, Christoph. Sociedade excitada: filosofia da sensação. Tradução: Antonio A. S. Zuin. Campinas: Unicamp, 2010.
- VIRILIO, Paul. (1977). Velocidade e política. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- ZIZEK, Slavoj. Órgãos sem Corpos: Deleuze e Consequências. Tradução: Rodrigo Nunes Lopes Pereira. São Paulo: companhia de Freud, 2011.

NOTAS

- 1 Referência à Inteligência Artificial do Bradesco (BIA) contra o assédio em seus terminais de consulta. O efeito dessa campanha, diríamos que é o contrário, já que uma programação de computador aparece como a protagonista, deixando como fantoches em cena, mulheres sem lugar de fala, elas apenas olham como que representando não suas condições, mas o robô que ainda não tem um corpo propriamente. O sarcasmo velado é a apropriação de temas importantes e delicados para acelerar muito mais direitos a um robô do que exatamente respeito e garantias a mulheres ou outros grupos historicamente vítimas desse processo de exclusão, curiosamente, fruto da exploração do sistema financeiro mundial. Para lucrar ainda mais com os destroços das vítimas, o torturador concede um espaço de defesa ao seu torturado só que através de um objeto sem vida, um boneco sem cor, sem rosto a não ser o dá replicação da própria barbárie que se quer eliminar enganosamente.